

MÉRITO: debater a crise literária. Correio Popular, Campinas, 01 out. 1978.

Mérito: debater a crise literária

Muito foi discutido quanto à importância e os objetivos de realização da Feira do Livro que se encerrou semana passada. As opiniões foram divergentes, principalmente quanto à maneira como ela foi idealizada.

Nesta página você toma contato com diferentes pontos de vista mas, também, com a unanimidade de opiniões de que, pelo menos como experiência para futuras realizações, foi válida.

Importante e bastante oportuna a realização da Feira do Livro de Campinas, efetivada de 18 a 24 de setembro, no Centro de Convivência Cultural, pela Secretaria Municipal de Cultura, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo e Faculdade de Educação da Unicamp, dado que a atividade literária, nos seus mais diferentes parâmetros, não está passando por um período propriamente magno ou brilhante, junto ao contexto cultural brasileiro.

Em face desta incontestável realidade, o principal mérito da Feira assenta-se na retomada do tão necessário debate sobre causas e consequências do que se poderia chamar de falência literária que vem caracterizando o presente momento, encetando novas orientações que logrem sanar, ou, ao menos, arrefecer a questão.

Segundo diversos estudos, muitos deles feitos circular pela imprensa, os mapas estatísticos montados sobre o desenvolvimento da atividade literária no país, mostram que ainda estamos aquém dos chamados índices otimizados de produção e consumo da literatura, o que fere, frontalmente, os anseios desenvolvimentistas apregoados por determinados setores da sociedade nacional.

Em palavras simples, é dizer que neste país lê-se pouco e que a própria nação sofre as consequências deste fenômeno.

Até aqui o problema é puramente quantitativo, o que, de modo algum, rouba-lhe a gravidade.

Para exemplificar este módulo da questão, basta lembrar que nações como a Inglaterra, com um contingente populacional bastante inferior ao correspondente brasileiro, possuem uma atividade literária - sempre tomando-se o senso mais amplo do termo que compreende a diversidade, a quantidade e a caracterização da produção e do consumo do livro, nos seus diferentes aspectos - infinitamente superior.

Temos aí um dado que certamente não escapa ao conhecimento dos mais avisados e que, no entanto, nem sempre parece amparar e desencadear as necessárias preocupações de vez que as consequências de uma formação cultural, estruturada e mergulhada nos parâmetros da tradição ocidental e, ao mesmo tempo, carente do esteio representado pela literatura, são, no mínimo, trágicas e pouco promissoras.

A sua maneira e de acordo com o realizável, a Feira do Livro de Campinas não só recolocou esse problema na pauta das preocupações, como serviu para reduzir, um pouco que seja, a nebulosidade deste sombrio horizonte.

Essa contribuição, todos deverão concordar, é por demais óbvia e elementar para demandar outras considerações além da simples menção.

A Feira permitiu uma ampliação de contatos entre o leitor - efetivo ou potencial - e o livro e, a partir deste primeiro e fundamental movimento, fica bastante fácil, se não automático, assacar-se, sem desvios, o restante da sinfonia.

Noutro sentido, e de uma forma mais interessante aos que, por dever de ofício ou diletantismo, ocupam-se do cotejamento dos característicos qualitativos que moldam a atividade literária presente, a Feira prestou-se a descortinar um panorama bastante elucidativo do fato.

Na escala dos estamentos sociais, a Feira permitiu uma visualização interessante das correntes e gêneros literários mais procurados, bem como um interligamento entre a literatura e o público, à luz das características que amoldam o comportamento social padrão.

Essa panorâmica tanto mais legítima, quanto se tornou possível, dada a relativamente ampla variedade de gêneros postos à disposição do público, comparar as preferências e fundamentar as hipóteses do que o povo anda lendo e porque o faz desta ou daquela forma.

Este exercício observacional, do qual alguns resultados podem ser conferidos no outro texto que forma esta matéria, representa um excelente fator de estudo e certamente será mergulhado com maior profundidade pelos organizadores da Feira, além do ligeiro repasse,

mais informativo que formativo, feito realizar aqui.

A importância deste trabalho é tamanha, que certamente ou ao menos espera-se que isso ocorra os organizadores se incumbirão de divulgá-lo com a ênfase que um estudo deste nível sugere.

No plano das associações simples, saber-se o que determinado contingente populacional anda lendo é saber, ato contínuo, o que esse mesmo contingente ainda pensando e mesmo fazendo, no jogo social. Vai daí, uma avaliação, mesmo que superficial, dos livros mais procurados na Feira, bem como dos tipos de agentes que procuraram este ou aquele gênero, serve para mostrar como esses agentes estão assimilando e interpretando o momento político, social e econômico do País e do mundo. Mais que isso, preferências literárias podem servir como excelente indicador do grau e da forma de influências deitadas à população por outros veículos de comunicações, sendo que a t. v. deve ocupar um lugar de revelância nesta estrutura, de acordo com o elevado índice de consumo que ela assume frente ao chamado representante médio da população.

Mais além, não seria de todo descabido extrair-se, aos dados deixados pela realização da Feira, o exato posicionamento ocupado pela literatura, no rol de atividades praticadas pela população no tocante, principalmente, ao entretenimento.

Ao que tudo indica, o surgimento de formas alternativas de entretenimento doméstico como o rádio ou a t. v.

roubou o trono outrora ocupado pelo livro e, atualmente, já pode ser designado como raro o encontro literário familiar, comum a menos de uma vintena de anos, quando a família, mais os amigos, se reuniam em torno de um narrador, que ia lendo em voz alta um romance ou outro livro qualquer, enquanto a platéia, entre um café e outro, seguia atenta a narração.

Essa atividade ainda existe? E, se existe, em que degrau da estratificação social se encontram as pessoas que a praticam? Algumas pistas para responder à estas perguntas poderiam ter sido arroladas, a partir da realização da Feira.

Noutro prisma, a Feira pôde sugerir algum debate sobre os aspectos econômicos que cerceiam o desenvolvimento da literatura, desde o custo da produção material das edições, até a subsistência social dos profissionais que vivem da produção literária.

Num país onde o plano do chamado dólar-livro, criado para facilitar o intercâmbio literário internacional, não consegue atingir plenamente seus objetivos, ou ainda, onde são contados nos dedos os literatos que conseguem viver, exclusivamente, desta ocupação, não existe nada que possa legitimar um escamoteamento da discussão sobre os parâmetros econômicos que marcam a questão da atividade literária.

Além disso, invertendo-se a maré da análise e tomando-se num segundo momento, os reflexos do jogo social na compreensão da literatura, em contrapartida ao caminho

sugerido até aqui, fatos colhidos à Feira também podem ser bastante elucidativos.

Recentemente divulgou-se a edição de um livro de ficção, elaborado em cima de um roteiro cinematográfico, o que, de certa forma, vem inverter um processo mais ou menos comum no casamento livro-cinema. Assim, ao invés de o roteiro cinematográfico suceder ao enredo literário, neste caso foi o cinema que tematizou o livro.

Esse fato só exemplifica uma tendência do livro submeter-se, como veículo secundário, a outras formas de comunicação, ensejando, portanto, mais um tema de análise.

Extrapolando-se mais ainda o problema, considerável parcela da literatura posta à disposição do público centra-se exclusivamente, na exploração de modismos - a maioria passageiros tornando o livro mera consequência do jogo social, e portanto, passível de perder o peso crítico e informativo que mais particularmente deve caracterizá-lo. Vale estudar o fenômeno, sendo que, para a coleta desta ordem de dados, o observador não precisaria mais fazer que circular pela Feira, consultando os títulos mais procurados pelo público. Quem praticou o exercício nada mais fez que executar uma descompromissada, mas bastante elucidativa, análise sociológica das tendências e comportamentos da moda, segundo uma a mostragem literária.

Por outro lado, reduzindo-se o alcance das análises sugeridas pela Feira, para o âmbito

dos assuntos nacionais, o cotejamento de dados pode emprestar alguma informação a respeito do nível em que se encontra a dicotomia literatura nacional e literatura estrangeira, na preferência do consumidor.

Dado o caráter secundário ocupado pelo livro na lista de veículos preferidos pelas diversas parcelas da massa popular, os comentários sobre as influências alienígenas no desmoronamento da chamada cultura nacional, estão, atualmente, polarizados em instâncias, como o cinema, ou ainda a t.v. embora isso não invalide a premissa de que é forte e, querem alguns, sufocante, o volume e a forma de penetração da cultura estrangeira no país, via produção literária.

Trata-se de assunto delicado e merecedor de atenções, que a Feira do Livro foi capaz de ressuscitar e oferecer dados para análise.

Isso tudo somado vem legitimar, de vez, a realização da Feira, que no entanto só poderá ser declarada completa e esgotada, na sua contribuição cultural, se os organizadores dedicarem-se a um levantamento completo de informações como estas, aqui tangidas. Melhor ainda se este, ou estes, estudos forem, rapidamente, colocados à disposição da cidade, para que os problemas relativos à área possam ser reavaliados por quem de direito e as soluções devidamente efetivadas.

Qualquer cidadão consciente confere legítimas expectativas para um programa desta envergadura. Resta aguardar.

